

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SECULO

ERA UMA VEZ...



O COELHINHO E A RAPOSA



MA coelha disse um dia ao seu filho:

— Meu filho, não vás para longe de mim. Ainda não podes saltar muito e se aparecem, por aí, o cão ou a raposa, comem-te.

O coelhinho esqueceu-se ou quiz mostrar que não tinha medo. A' noite, sem a mãe dar por isso, foi para o campo sózinho e regalou-se a roer couves, cenouras e ervilhas tenras.



me cõmas, deixa-me ir para o pé da minha mãe.

— Não posso, porque tenho fome. Se eu tivesse encontrado uma galinha ou, ao menos, figos maduros e uvas, isso, então, era outro caso, e não te fazia mal.

— Ai! — gemia o coelhinho — bem me dizia a minha mãe. ¡Agora ninguém me acode!

Mas a raposa sentiu passos, largou o coelhinho e fugiu. O coelhinho, muito assustado, foi logo esconder-se na sua toca e nunca mais desobedeceu à Mãe.

Nisto, a raposa veio muito sorrateiramente, deu um salto e agarrou-o. Ele, a tremer de susto, disse-lhe: — Raposinha, não

F I M

OS MANGERICOS

■ ■ ■ POR TOUTINEGRA ■ ■ ■



QUASI ao cimo daquela rua, em prédios fronteiros, moram duas meninas com seus pais. Teem a mesma idade e são igualmente formosas.

Uma é pobre e outra rica. Gabriela, a rica, é caprichosa, teimosa, soberba da riqueza que possui e muito má para todos.

Natália é a bondade personificada.

Os pais de Gabriela teem grande desgosto pelo facto de ser tão má a sua filha e, reprecendendo-a, enaltecem as qualidades da menina pobre, sentindo imenso prazer sempre que as vêem juntas, pois sabem que, de Natália, só Gabriela receberá bons exemplos e conselhos.

No entanto, Gabriela não gosta de Natália porque esta é pobre e... melhor do que ela, e é, portanto, de todos mais estimada. Natália, tendo só vestidos de tecidos baratos, consegue, à força de andar limpa e arranjada, parecer melhor do que Gabriela. Isto desespera-a, fazendo-lhe nascer, no fundo da alma, um desejo ardente de se vingar dessa pobretona, a quem ela não reconhece as qualidades, atribuindo os seus triunfos, simplesmente, a baifejos da sorte.

No passado dia de S. António, à tardinha, passou, pela rua destas meninas, uma mulher vendendo vasos de barro com mangericos, cravos de papel e a tradicional quadrinha. Gabriela, ao vê-los, chamou a vendedora e comprou três vasos, indo pô-los na varanda de sua casa.

Natália, a-pesar-de pobre, não resistiu, também, à tentação de possuir uma coisa que tão bem cheirava. Pedindo autorização à mãe, desceu e comprou um.

Seguiram-se alguns dias e Gabriela, descuidada e indolente, não mais se lembrou dos seus mangericos. Faltando-lhes a água e sem nada que os resguardasse dos ardentes raios de sol, começaram a amarelecer e a murchar.

O da Natália, contudo, cada vez estava mais verdejante e cheiroso, pois ela nunca se esquecia de o regar e tirá-lo para dentro dos vidros quando o sol se tornava mais intenso. Uma manhã, Gabriela, indo casualmente à varanda, reparou nos pobres mangericos quasi secos. Não se preocupou muito, pois sabia que era só querer para lhe darem outros mais, olhando para a varanda de Natália, e vendo o dela que estava lindo, sentiu uma raiva imensa, uma grande inveja.

Até na flor ela fôra mais feliz. Sem ter em conta os

cuidados e trabalhos da menina pobre, enquanto ela, entregando-se à brincadeira, nem sequer se lembrara mais dos seus, atribuia as culpas ao Destino que parecia com-prazer-se em a rebaixar. Sentia, então, invadi-la fortes desejos de vingança. Toda a tarde esteve mal disposta, enquanto no seu espirito germinava uma feia ideia.

Anoitecera. A rua estava silenciosa e parecia deserta. Quem, todavia, se afirmasse bem, distinguiria um vulto imóvel debaixo da varanda de Natália que, àquela hora, em casa, estudava atentamente.

Daí a pouco, o vulto moveu-se e, de seguida a um forte estampido, soaram gritos de aflição e de dor.

Quasi simultaneamente, as duas varandas dos primeiros andares fronteiros, iluminaram-se e assomaram, a elas, os pais de Gabriela, de um lado, e do outro Natália que, dando por falta do seu vaso, desceu, apressadamente, a escada.

Ao chegar ao passeio estacou, admirada: Por terra Gabriela, tendo a cabeça a escorrer sangue, chorava e, em volta dela, partido, o seu vaso, a terra espalhada, o mangerico e o cravo de papel arrancados e um pau muito comprido... Pousou a luz que trazia e, erguendo Gabriela, sacudia-lhe os vestidos, precisamente quando chegavam os pais que, ao verem a filha cheia de sangue, perguntaram o que sucedera. Ao ouvirem a explicação, dada pela filha, a quem o remorso, por ver que era aquela, a quem pensara fazer mal quem lhe ajudara fizera dizer a verdade, ficaram perplexos e desgostosos.

Chamaram, imediatamente, o médico que declarou não ser nada de cuidado.

Passada uma hora, Gabriela chorava abraçada a Natália, pedindo-lhe desculpa.

O pai, comovido, dizia-lhe: — Minha filha, foi Deus que te castigou, fazendo com que te caísse sobre a cabeça o vaso, a que tentavas destruir a planta, com aquele comprido pau. Em vista disso, vêes bem que Deus

não aprova vinganças invejosas.

Procura imitar Natália na bondade, na singeleza, no cuidado com as suas coisas e serás estimada, brilharás como ela. A questão é «quereres»; no «querer» está tudo.

Gabriela «quiz»! A-pesar-de passado pouco tempo, é já muito melhor e ainda ha-de vir a ser boa de todo. E quem lucrará é ela, pois dando mais alegrias aos que a estimam viverá mais satisfeita e quem é mau só tem desgostos e inimizades.



■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

O REGRESSO

Por EMILIA BRANCA SERRA

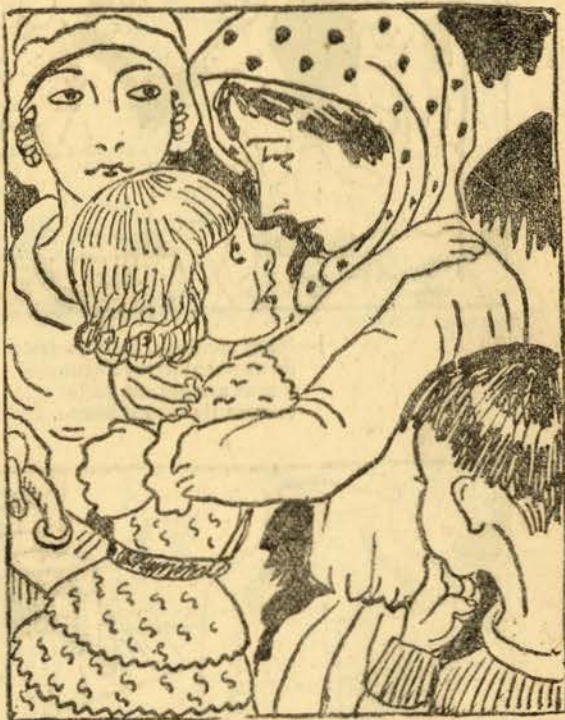
Desenhos de A. CASTANE



A no alto, numa casita de janelas verdes, vivia a Angela do Pôço com uma filhinha de tenra idade, Maria Luisa. Ainda não havia dois anos que o pai morrera na guerra contra os alemães, deixando à sua mulher e à filhita duas quintas (a do Rabaçal e a Nova), onde Angela todos os dias ia buscar, à noitinha, hortaliça e fruta, para, no dia seguinte, ir vender à vila. Eram pobres mas a casa estava sempre no maior acieio.

Maria Luisa, por vezes, quando a mãe saía, enchia o regaço das pobrezinhas com esmoladas, tais como: — pão, milho, fruta, etc., e, um dia, a tia Virginia, uma velhota muito má, disse à Angela: — Ai filha, está tudo tão mau e a Luizita, na tua ausência, a dar tudo aos pobres!

A boa mulher, ao regressar a casa, ralhou com a criança, mas esta continuou sempre a proceder do mesmo modo. Foi, então, que a mãe escreveu a sua irmã pedindo-lhe, encarecidamente, que deixasse, por uns tempos, Maria Luisa estar em sua casa. Passados oito dias, Guilhermina veio buscar a pequena que, à partida, soluçou bastante. António, o neto da tia Virginia, veio também dizer-lhe adeus, e, após desaparecer o combóio, sentou-se no chão a esperniar e a cho-



dela a velhota caminhava, também, a passos lentos, trazendo pela mão o neto endiabrado...



rar, dizendo: — A Maria Luisa é má. Eu brincava tanto com ela e agora foi-se embora!...

Angela também voltou, para casa, engolindo em seco, e soltando, de quando em quando, um suspiro muito profundo, que seria capaz de enternecer um carrasco. Junto

Maria Luisa afeiçoara-se muito à tia. Não gostava de a ver a orar, porque, quando o fazia, estava sempre triste e capaz de lhe rathar se fizesse barulho, mas, nas horas livres, a tiazinha lia-lhe histórias e ensinava-a a fiar.

No entanto, Luisa lembrava-se muito dos seus pobres e da mãezinha, e como a tia lhe dissesse que estaria agora consigo até à sua morte, a pequena, fitando-a, retorquia: — Oh! tenho muito que esperar!... Se Deus quiser nunca mais chega a sua morte... Então, a tia beijava-a e metia-lhe no bolsito do bibe uma moeda muito reluzente, que fazia com que Luizita dissesse: — Com este dinheiro compro um vestido, uns sapatos e um bôlo... E a tiazinha ria, fazendo com que Luisa corasse envergonhada e, nervosa, começasse a chorar.

Decorreram dez anos que a Luisa pareceram dez séculos.

Já pouco se lembrava da mãe e da aldeia. Saíra dela aos oito anos; tinha, portanto, dezoito. Nunca mais vira a mãe. A casa da tia já a aborrecia, e já achava feios os cisnes brancos que vogavam no lago!

O seu sonho era tornar a ver a mãe e a aldeia. Porém

(Conclue na página 6)

QUEM TERIA IDO AO MEL?!...

Por CASTANE E S. R.



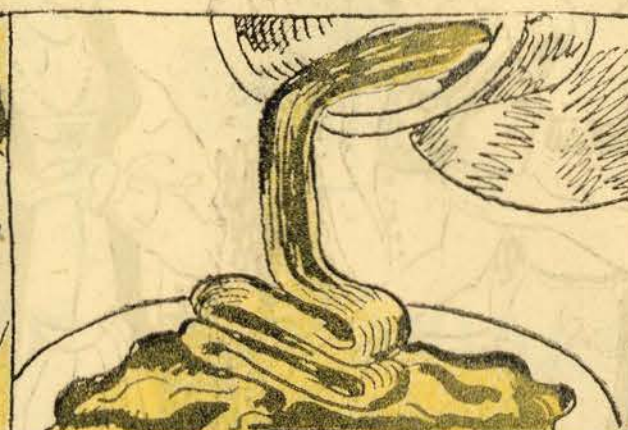
I—Meus meninos, tenho o gosto de apresentar-vos Zézito e seus amigos, de rosto sempre risonho e bonito.



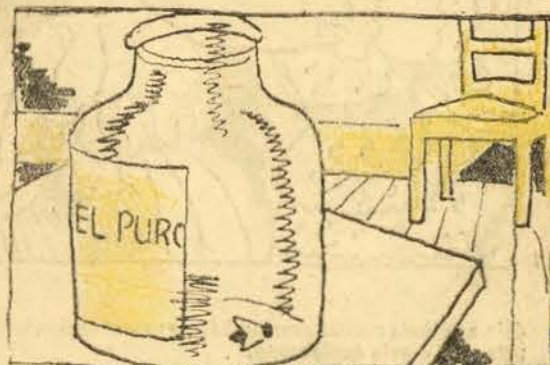
II—Afirma a família que ele para a pintura é frecheiro e pode, com seu pincel, vir a ganhar bom dinheiro.



III—Dotado dum gosto tal que até é raro entre estetas, tem um jeito especial para pintar taboetas.



IV—Um certo dia, os pais dele receberam de presente um rico boião de mel que era de marca excelente.



V—Mas no dia imediato o boião surge vazio... Quem seria?!... O cão, o gato, a criada, o rapazão?!



VI—A cozinheira, coitada, medita, pensa, repensa, pois lhe estava confiada a chavinha da despensa.



IX—Nisto o Béu-béu, certo cão que era da casa os cuidados, ganindo, chama a atenção dos papás e dos criados.



X—E, então, num grande alvoroço, vão encontrar o Béu-béu com um letreiro ao pescoço, em que se lia: — «Fui eu!».



VII—A mãe do Zézito, logo esta acusa injustamente mas ela, num desafoço, afirma estar inocente.



VIII—O Tareco que sabia quem o mel tinha papado, pescando um dos olhos, ria, com malícia, para o lado.



O REGRESSO — (Continuado da página 3)

certa manhã de Maio, Guilhermina recebeu uma carta da irmã. Era assim redigida:

«Minha boa irmã:

Venho, por este meio, pedir-te um grande favor. Traze-me a minha filha, porque sinto o derradeiro momento aproximar-se de mim. Quero, antes de morrer, beijar as faces da minha querida filhinha.
Tua irmã, amiga

Angela.»

Guilhermina ficou sobressaltada e afligia-a muito ver a sobrinha com o rosto escondido entre as mãos, no pátio, a soluçar. No combóio algumas vezes Maria Luisa dissera, chorando, à tia: — Ai, tia Guilhermina tão pouco tempo vivi com minha mãe! A boa mulher, procurando consolar a rapariga, dizia-lhe: — Tem fé em Deus. Tenho cá um sentimento de que ainda viverás com ela largos anos... E eis que chegam à aldeia.

Guilhermina, não se lembrando onde ficava a casa da irmã, perguntou a uma mulher onde morava Angela do Pôço. Esta, colocando a mão na testa, indicou-lhe uma quinta que se avistava ali perto, dizendo: — Olhe, ela está

na quinta Nova! Quando lá chegar, abra o portão que ela anda a varrer a eira.

Guilhermina e Maria Luisa ficaram admiradas de Angela não estar de cama, e, desconfiadas, dirigiram-se à quinta. Efectivamente ela andava a varrer a eira, entoando uma canção triste e não estava doente.

Ao vê-las, Angela, correu como louca ao portão, e beijou, com sofreguidão, a filha. Mirou-a dos pés à cabeça, dizendo consigo: — Que bem vestida! Parece uma senhora!... Entretanto, Guilhermina bateu no ombro da irmã, perguntando-lhe:

— Então?!...

E Angela que lhe lera no olhar o que ela queria saber, disse:

— Tinha muitas saúdes da Luizita e, como via que de outra maneira não m'a trarias, resolvi enganar-vos... Nisto, o António Frotas passou, e, vendo Maria Luisa, carregou o sobrolho. Conhecia aquela moça não sabia bem de onde. Então, Angela abriu o portão e, apontando para a filha, perguntou:

— O' António, lembras-te da Maria Luisa? Aquela por quem choraste quando se foi embora, lembras-te?

António, insensivelmente, deixou rolar, pelas faces, uma lágrima, e, passados uns meses, realizava-se, na capela da aldeia, o casamento de António Frotas com Maria Luisa do Pôço.

Foram muito felizes e tiveram muitos bebésitos que eram o enlevo da avó e da tia, a qual passou depois a viver com a irmã.

Impressão



PIM-PAM-PUM IMPROVISADO

Com algumas rôlhas de cortiça, berlindes de vidro, cartolina e um canivete poderão com facilidade improvisar um jôgo que terá tanto mais interesse quanto mais forem os concorrentes e os bonecos.

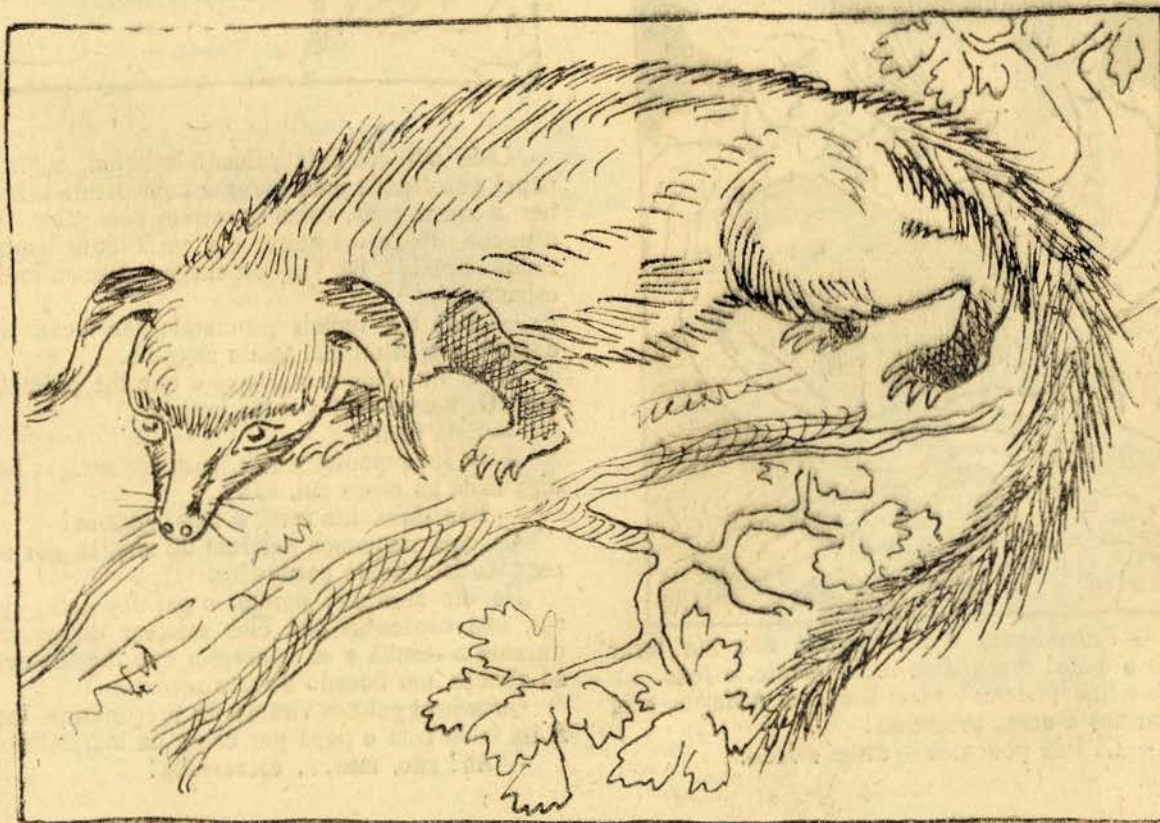
Como estão vendo na gravura, o fundo é representado por um livro, à frente do qual se colocam as marcas, rôlhas, às quais se faz uma fenda onde se metem os bonecos numerados ou não.

Os concorrentes estão no extremo da mesa e os bonecos no outro.

Com um piparote impelem os berlindes de encontro às figuras, esforçando-se, é claro, por deixar abaixo as de números mais altos.

Aquele que conseguir um maior número de pontos, ganha o jôgo.

Para os meninos colorirem



O BENTUBONG NEGRO—(Arctitis Binturong)

DOIS GULOSOS

DA TRADIÇÃO POPULAR

Desenhos de ADOLFO CASTANÉ

AURÉLIO e João, dois irmãos muito amigos, foram visitar a sua tia Virgínia.

Andava ela muito atarefada a fazer marmelada e compota de ameixas. Recebeu os dois sobrinhos com alegria e disse-lhes: — Podeis andar pelo quintal e pela casa, á vontade; mas não mexais, nem com um dedo, no doce de ameixas nem na marmelada. ¿Prometeis isso?

— «Tia Virgínia, — (disse o João) — prometo não tocar com o dedo nas ameixas nem na marmelada!»

— «Eu, também, prometo» — disse o Aurélio.

— «Ide, então, brincar.»

— «Ai, que linda marmelada!» suspirou o João.

— «Que amarelinha!» — (exclamou o Aurélio)

— «E se nós provássemos?»



— Prometemos á tia Virgínia não lhe tocar com o dedo! respondeu, timidamente, o João.

— Mas podemos tocar-lhe com a língua, sem faltarmos á nossa promessa!

— Lá isso podemos — disse o João.



Cada um dos dois gulosos levantou, então, o papel que tapava uma tijela, e começaram a lambem a marmelada, como se fôsem dois gatos. Daí a pouco, tinham os beiços e o nariz todos lambuzados. Então, a tia Virgínia chegou e ficou muito espantada.

— «Não me tinheis prometido não mexer nos doces? perguntou ela, muito zangada.

— O' tia! Nós cumprimos o que lhe prometemos. Os nossos dedos estão limpos...

— Está bem!

— O João pediu, então, com voz meiga: Não diga nada ao nosso pai, não?

— Não direi. Ide lavar a cara, gulosos!

Os dois pequenos pularam de alegria, por serem tão facilmente perdoados.

No dia seguinte, porém, o pai dos dois gulosos, não consentiu que eles saíssem do quarto, durante a manhã e só consentiu que lhes dessem ao almoço, um bocado de pão seco.

Quando os gulosos viram a tia, perguntaram-lhe: A tia falou com o papá por causa da marmelada?

— Ah! não, mas... escrevi-lhe!